



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

BENVINDA JOSMICLEIME GONÇALVES DA SILVA

**RESISTÊNCIA E FÉ: PRÁTICAS DE BENZEÇÃO NA ZONA RURAL DE
AROEIRAS – PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

BENVINDA JOSMICLEIME G. DA SILVA

**RESISTÊNCIA E FÉ: PRÁTICAS DE BENZEÇÃO NA ZONA RURAL DE
AROEIRAS – PB**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em História.

Orientador: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Benvinda Josmicleime Gonçalves da
Resistência e fé [manuscrito] : práticas de benzeção na zona rural de Aroeiras - PB / Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva. - 2014.
45 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História".

1. Benzeção 2. Curandeirismo 3. Cultura Popular 4. Aroeira - Paraíba I. Título.

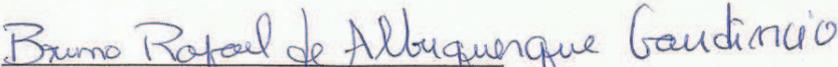
21. ed. CDD 291.31

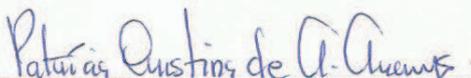
BENVINDA JOSMICLEIME GONÇALVES DA SILVA

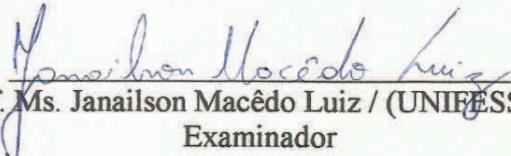
**RESISTÊNCIA E FÉ: PRÁTICAS DE BENZEÇÃO NA ZONA RURAL DE
AROEIRAS – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em História.

Aprovada em 04/12 /2014.


Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Examinador


Prof. Ms. Janailson Macêdo Luiz / (UNIFESSPA)
Examinador

**À Deus, a diretriz de minha existência, o
guia de meus caminhos e de minha
jornada... A memória do meu pai José
Germano, exemplo de homem e pai.**

AGRADECIMENTOS

À Deus, onde sempre encontrei forças para seguir na minha jornada.

A minha mãe Josefa Gonçalves, pelos ensinamentos, por me dar força sempre que precisei, por me apoiar, que de uma maneira ou de outra sempre buscou me ajudar em meu percurso acadêmico, com muito amor e dedicação.

A minha vó Beatriz Gonçalves, que com sua doçura e amor estava sempre pronta a me ajudar com seus cuidados e dedicação.

Ao meu Noivo Saulo Pedro e minha prima Janaina Paz, que muita força me deram, estando sempre ao meu lado em momentos cruciais para a elaboração deste trabalho.

Ao meu professor e orientador Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio por acreditar na realização deste trabalho, pelas leituras sugeridas e pela força e apoio contínuo.

A todos os amigos e familiares pelo incentivo.

A esta instituição de ensino, o corpo docente e direção em geral que me proporcionaram ao longo deste curso o primeiro passo na busca de conhecimento.

A banca examinadora, composta pelo meu orientador Bruno Gaudêncio, Patrícia Aragão e Janaílson Macêdo.

Aos entrevistados que dispuseram um pouco de seu tempo e saberes para a realização desta empreitada.

Aos amigos e colegas de curso pelos momentos de amizade, apoio e carinho.

A todos que de alguma forma contribuíram para minha formação, os meus sinceros agradecimentos.

“... Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; [...] Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.”

Mc. 16; 17-18.

RESUMO

A proposta desta monografia é explicar como se deu as permanências e as resistências das práticas de benzeção na zona rural de Aroeiras – PB. Para isso realizamos através da metodologia da História Oral entrevistas com vários rezadores, entre homens e mulheres da região, que praticam a benzeção na comunidade referida. A nossa proposta, dentro de uma perspectiva da História Cultural e da Antropologia Cultural, investigou “as práticas e as representações” destes rezadores, segundo os princípios do historiador Roger Chartier (1988), compreendendo assim os valores adaptados pela população local aos vestígios deixados por seus antepassados. Desta forma, elaboramos um relatório das experiências destes rezadores, enfocando em suas resistências e fés. Abordando questões como o ato da benzeção, seu contexto histórico, as variadas formas de práticas orais e o contraponto entre o saber popular e o científico, explanando e situando a região estudada assim como o perfil social dos rezadores a serem entrevistados juntamente com suas contribuições como rezadores para a região.

PALAVRAS-CHAVE: Benzeção, Aroeiras, Fé, Resistência

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 -	Cidade de Aroeiras.....	26
FOTO 2 -	Dona Zita realizando uma benzeção com pião roxo para retirar o mau olhado do consulente.....	28
FOTO 3 -	Benedeira Dona Terezinha realizando uma benzedura com galhos verdes	30
FOTO 4 -	Reza de peito aberto/ espinhela caída.....	33
FOTO 5 -	Pano onde seu Nascimento realizou uma costura.....	35
FOTO 6 -	Rezador seu Zé pitanga e sua prática oral no ato da reza de um fiel.....	36
FOTO 7 -	Benedor seu Fernandes em seu local de orações.....	37
FOTO 8 -	Dona Biata realizando uma benzeção em um animal.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CAPÍTULO I: PRÁTICAS POPULARES DE RELIGIOSIDADE: TRADIÇÕES CULTURAIS E SIMBÓLICAS.....	13
1.1 A “Ciência da benzedura.....	14
1.2 O ato de rezar e sua história.....	16
1.3 As práticas da “benzeção”.....	18
1.4 Saber popular x Saber científico.....	22
2 CAPÍTULO II: DELIMITANDO O TERRITÓRIO: AROEIRAS E SEUS REZADORES.....	25
2.1 Aroeiras: região dos rezadores analisados.....	26
2.2 Definindo os entrevistados: perfil social.....	27
2.3 Contribuições dos rezadores aroeirenses na cultura oral.....	28
2.3.1 Práticas orais de “Dona Zita” e sua contribuição para a população local...	28
2.3.2 Dona Terezinha e sua cultura oral manifestada através da reza.....	30
2.3.3 A cultura oral praticada por Seu Nascimento.....	33
2.3.4 Seu Zé Pitanga e suas contribuições para a cultura oral.....	36
2.3.5 Seu Fernando e sua sabedoria popular.....	37
2.3.6 Dona Biata e sua atuação como rezadeira.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
FONTES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da preocupação em mostrar novas perspectivas a serem abordadas em torno da cultura oral, e sua relevância para o campo da história, focando na religiosidade popular e nas suas credences disseminadas ao longo das gerações. Salientando as contribuições desta prática para identidade de um povo, no tocante memória das rezas populares na zona rural de Aroeiras, Paraíba, utilizando-se como metodologia a História Oral.

Para se discutir e analisar sobre um tema relacionado às práticas Culturais deve-se compreender um pouco acerca de seu conceito. Segundo o historiador Roger Chartier, a existência das práticas e tradições discursivas foram e são desenvolvidas para justificar as relações entre a sociedade e a história. É relevante compreender as interfaces sociais, religiosas e culturais que envolvem o contexto e a tradição das rezas, ou seja, para se obtiver certo entendimento acerca da temática, deve-se entender de que maneira tal tradição se perpetuou e em que contexto estava inserido. Desta forma, analisaremos as tendências da cultura oral, abrangendo os costumes religiosos, em especial o caso das rezas populares, através das práticas de benzer.

Geralmente se encontrava relatos mais facilmente de mulheres praticantes de rezas e benzeções, o sexo masculino não era muito apresentado como praticantes dessas crenças. Porém, tal fato é devido à reminiscência histórica que separam os modelos padrões para cada sexo, cabendo para as mulheres entre tantos outros o ensinamento da religião. Transmitindo através da formação religiosa o que aprenderam com suas mães e avós.

Pretendemos, neste caso, realizar um aprofundamento antropológico (entender o homem como fruto da sua cultura), religioso (a cultura popular baseado como direcionamento para o espiritual) e histórico (reconstrução da realidade através do tempo-passado e influência no presente), procurando compreender a relevância da oralidade para a perpetuação da memória de um povo e sua importância na tradição popular – religiosidade através de rezas populares, bem como a influência dos antepassados na cultura nacional e em destaque a local. Assim, pois a experiência e valores dos mais velhos estão interligados a identidade de um povo e sua memória.

Um dos principais objetivos desse trabalho é explicitar sobre a relevância dessa atividade para a perpetuação da tradição oral, bem como levantar conceitos polêmicos em torno da questão – como os conceitos pejorativos inculcados pela igreja católica desde a Idade Média até os dias atuais.

No tocante, os rezadores da região aroeirense utilizavam as rezas como fonte de renda para sobrevivência, e a população local às procuravam pelas dificuldades em atendimento médico na época que iniciaram suas práticas orais. Por se tratar de uma localidade de difícil acesso naquele período recorriam as rezadeiras para a cura imediata – segundo a sua crença, porém hoje continuam com essas práticas orais por se tratar da herança de seus antepassados e auxiliar na tradição popular, além de nos fornecer fontes históricas sobre a cultura de um povo.

Para tanto, serão incorporados resultados teóricos e práticos de pesquisas na área. Utilizar-se-á como marco teórico a visão de alguns historiadores como Roger Chartier (1988); Janaina Amado & Marieta de Moraes (1996), entre outros a respeito da temática, utilizando também as considerações de outros cientistas sociais, antropólogos e sociólogos, como Quintana (1999). Como procedimento metodológico, nos dedicaremos à análise de relatos/memória através de entrevistas com rezadores populares da região, sendo, pois uma pesquisa de campo, para uma melhor exposição do assunto em questão. Por meio das visões de alguns estudiosos se poderá compreender um pouco melhor as concepções e permanências culturais que envolvem as práticas de rezadores. Seus saberes culturais e populares podem variar, podendo ser criados e reorganizados pela cultural local.

Quintana (1999) aborda em sua obra *“A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise”* a estrutura das rezas, mostrando que elas se dividem e são realizadas com semelhança a consulta médica. Na qual é feito de início o diálogo, posteriormente a benção e por fim as prescrições. Salienta a diferença existente entre o dom da reza e o ofício.

A temática em foco irá dialogar com autores da história oral e mais especificamente com um aparato de autores numa perspectiva da História Cultural. Deve-se compreender que o campo de estudos culturais é composto por diversas mudanças ao longo do tempo. Tendo a compreensão que o termo em si da “cultura” é um conceito onde se cabe muitas definições, partindo do pressuposto que cada região e espaço social têm sua forma de analisar um objeto.

Notando-se também que o advento do século XX trouxe novas redefinições e abordagens em relação ao que se pensava no século anterior, como por exemplo, o campo cultural que passou a então ser objeto de investigação de historiadores, graças à moderna historiografia. Pois a história cultural que antes era realizada, enfocava apenas uma história elitizada, tanto com relação aos sujeitos como no conteúdo selecionado para as pesquisas e estudos. Só a partir do século XX é que a cultura é considerada um processo comunicativo. Surgindo a emergência dessa nova história cultural, as diversas correntes no âmbito da

historia cultural passou a se relacionarem com diálogos interdisciplinares mais específicos, relacionando-se a outros campos do saber, como a antropologia, a linguística, a psicologia etc.

Passando a compreender a partir desse momento que todo ser humano produz cultura, pois a linguagem e as práticas discursivas constituem cultura. Ao ponto que cada sujeito recria uma visão de um determinado acontecimento a sua maneira.

O campo da história cultural passou por grandes transformações após a década de 1980, com a vasta repercussão tida pela elaboração do livro de Chartier “história cultural: entre Práticas e Representações”, onde reuniu oito ensaios como reivindicação à insatisfação pela história cultural francesa no século 1960 e 1970. Ele interessa-se pela transferência entre a cultura oral e a cultura escrita, mostrando como indivíduos não letrados podem participar da cultura letrada por meio de práticas culturais diversas. Passando-se a ter novos anseios e busca por novos objetos de estudos no seio da história, abrindo-se a estudos mais variados, como ‘ a cultura popular’, a ‘cultura letrada’, as representações e crenças religiosas’, ‘práticas discursivas de diversos grupos sociais’. Tendo como maior contribuição para a história cultural às noções complementares das “práticas e representações”. A obra de Chartier trouxe uma grande transformação para o campo educacional da historiografia.

As características próprias da história cultural assim definida, que concilia novos domínios e investigação com a fidelidade aos postulados da história social, eram como que a tradução da estratégia da própria disciplina, que visava a apropriação da uma nova legitimidade científica, apoiada em aquisições intelectuais que tinham fortalecido o seu domínio institucional. (CHARTIER, 1990, 5).

Sua contribuição para a história cultural está na elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”. Mostrando que as práticas culturais não são uma modalidade de ensino ou uma técnica artística, são também os modos de uma determinada sociedade, como os homens falam e se calam, comem e bebem, morem ou adoecem, ou seja, os modos de vida e as atitudes da mesma. Dessa forma, as principais mudanças que ocorreram no campo epistemológico da história cultural estavam principalmente ligadas às representações, o imaginário, a narrativa, ficção e as sensibilidades. “Pode-se dizer que a proposta da história cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais homens expressam a si próprios e o mundo”. (PESAVENTO, 2005, p, 42).

Passando a compreender essa nova história cultural como uma história que toma como objeto de estudo a compreensão das formas e dos motivos e representações do mundo social em que vive, onde seus personagens traduzem seus próprios interesses e descrevem a

sociedade como a pensam ou como gostariam que fossem. Um dos elementos importantes de ressaltar na história cultural foi sua possibilidade de dar destaque ao indivíduo como sujeito histórico, repensando história de vida dos sujeitos de camadas mais populares, a história dos tidos “vistos de baixo”.

Ao se considerar o propósito deste estudo, realizaremos uma pesquisa de campo, com levantamento de dados teóricos e entrevistas, e tendo como âmbito, explicar a problemática da cultura oral e sua relevância na tradição popular religiosa de Aroeiras. Para isso, escolhemos um número de 6 (seis) entrevistados, dividindo-se em três homens e três mulheres com faixa etária entre 50 e 80 anos, moradores e nascidos na zona rural de Aroeiras. Procurando construir o perfil destes personagens, suas histórias de vida, bem como as tradições e práticas religiosas populares.

Levando em conta o testemunho oral, devemos levar em consideração, por exemplo, a relação entre a escrita e a oralidade como também da memória e história. O trabalho com a história oral é uma fonte rica e ampla de descobertas, nos possibilita esclarecer trajetórias individuais, como também coletivas, acontecimentos que às vezes não tem como ser esclarecidos de outra forma: como os depoimentos concedidos por analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, prisioneiros etc. Como história de movimentos sociais, de lutas cotidianas, encobertas e/ou muitas vezes esquecidas pelas histórias produzidas e realizadas pelos grandes nomes da história. Tendo como papel o historiador ao realizar uma história oral a uma busca em recuperar e recriar através da memória dos entrevistados acontecimentos esquecidos ou vistos por outro viés. A ideia de que a história oral é constituída graças ao contato multidisciplinar leva-nos a reconhecer, nessa encruzilhada de caminhos e ofícios, a contribuição da psicologia, especialmente no tratado e na análise da informação oral. (AMADO; FERREIRA, 1996, p. 20).

Dessa maneira buscaremos abordar essas questões no decorrer do nosso trabalho dividindo-o em dois capítulos, onde o primeiro capítulo será dedicado ao ato da benzeção, seu contexto histórico assim como as variadas formas de práticas orais e o contraponto entre o saber popular e o saber científico. Já no segundo capítulo iremos explanar e situar a região estudada assim como analisar o perfil social dos rezadores entrevistados juntamente com suas contribuições como rezadores para a região.

CAPÍTULO 1

PRÁTICAS POPULARES DE RELIGIOSIDADE: TRADIÇÕES CULTURAIS E SIMBÓLICAS

1.1. A “CIÊNCIA” DA BENZEDURA

O ato de “rezar” ou “benzer”, maneira de se buscar a cura de enfermidades é utilizada desde a antiguidade. Atualmente atos como “tirar o mal olhado”, entre outros, usando elementos simbólicos como ramos, água, velas e ervas medicinal, permeia a chamada cultura popular, no tocante a população da zona rural de Aroeiras, território ao qual nos debruçamos, nesse estudo.

O sociólogo Alberto Quintana (1999) vem abordando em sua obra “A Ciência da Benzedura”, que a crença e a magia são mecanismos pelos quais nos permitem manter a esperança de que de alguma forma possuímos algum controle sobre nosso destino. Revela que os processos mágico-religiosos, terapêuticos populares se diferenciam dos processos científicos, mostrando que o hábito da benzedura pode ser considerado como uma forma terapêutica para os fiéis enfermos sejam com enfermidade do corpo ou do espírito. Através de rezas, orações, cânticos, os rezadores têm se colocado ante o mundo, divulgando seus saberes aprendidos por antepassados e auxiliando a manter esta fonte cultural viva entre as demais civilizações.

Por meio das súplicas os rezadores e os fiéis acreditam que podem alcançar a cura, ou mesmo resolver seus problemas, se baseando na existência de seres superiores, porém o que se pretende mostrar neste trabalho, além deste fato é que esta cultura baseada em práticas populares traz como artifício fontes que perpassam pela história, construindo a cultura de um povo. Portanto, não podemos ignorar esta parte da população que permanece fiel em meio as suas crenças e tradições, nos possibilitando ao registrar, pesquisar e descrever essas práticas, manter viva a história e os saberes populares de um povo que perpassam conhecimento de seus antepassados e culturas muito difundidas em nosso país desde épocas passadas. Permitindo-nos dessa forma, uma maior compreensão acerca de valores e posturas arraigados, tanto destes rezadores como dos fiéis que neles acreditam.

A vida em comunidade auxilia na difusão da cultura popular, contribuindo para a construção da identidade da mesma, para tanto se faz necessário partir para tradição oral para conhecer os conhecimentos adquiridos por estes senhores, detentores de saberes jamais aprendido no ambiente escolar, mas de valores e experiências adquiridos em seus cotidianos. Como afirma Danielle Nascimento & Maria Ayala (2013), “um dos mais valiosos bens da tradição de um povo, as lembranças guardadas na memória (p.03)”. Tais autoras salientam que as práticas populares por ser uma prática social possuem seus específicos ensinamentos,

domínios e formas de seres realizados, tendo maiores repercussões em comunidades tradicionais.

Os rezadores, pois, trazem estes aprendizados através de seus antepassados, estes afirmam ter adquirido um dom de algum ser supremo, tendo como meta auxiliar os seus conhecidos, à comunidade a qual vivem, usam como meio o ramo e/ou a água na hora da reza, além de orações que fazem parte do catolicismo como: *Pai Nosso*, *Credo*, *Salve Rainha e o Sinal da Cruz*, bem como na crença em divindades protetoras para algum problema que esteja ocorrendo, os mais usados são *Sagrado Coração de Jesus*, *Nossa Senhora Aparecida*, *São Jorge*, entre outros. Cada uma destas divindades possui uma função assim como as orações (NERY, 2006).

Vejamos, pois o significado de alguns elementos e sua possível relação com a história de Jesus, segundo a religiosidade exercida pelos rezadores entrevistados para a elaboração deste trabalho:

- **Ramo:** o principal símbolo utilizado pelas rezadeiras, para as mesmas o ramo representa a oliveira (monte das oliveiras – lugar sagrado para os religiosos) planta sagrada que marca a entrada de Jesus em Jerusalém, sendo para as rezadeiras esta planta usada como simbologia para absorver todo o mal daquele que está sendo rezado;
- **Sinal da cruz:** representa a santíssima trindade – para a tradição cristã, sendo repetidas várias vezes durante a reza;
- **Água:** para a tradição religiosa a água é um elemento sagrado, para as rezadeiras o mesmo elemento tem o significado para onde se “joga” todo o mal- no “mar”;
- **Santos:** geralmente há uma relação entre os santos e suas especificidades- tradição local e sofreram influência do catolicismo;
- **Sol:** representa a energia, segundo a tradição destas religiosas, priorizando o horário do dia para não perderem as forças;

Algo a salientar é que apesar destes, em sua maioria, serem praticantes assíduos do catolicismo, são ignorados por representantes da igreja, por irem de embate aos preceitos que a mesma propaga, como o uso dos elementos simbólicos e a presença marcante de entidades pertencentes ao candomblé¹, no caso Iemanjá², adorada por estes rezadores, considerada como a auxiliadora no momento de oração para com os fiéis.

¹Candomblé é uma religião derivada do animismo africano onde se cultuam os orixás, voduns ou nkisis, dependendo da nação. Sendo de origem totêmica e familiar, é uma das religiões de matriz africana mais praticada, tendo mais de três milhões de seguidores em todo o mundo, principalmente no Brasil.

1.2 O ATO DE REZAR E SUA HISTÓRIA

O exercício da arte de rezar e buscar maneiras de se curar, seja de doença física ou espiritual, já existia na Europa desde a Idade Média. Prática esta realizada principalmente pelas mulheres camponesas e pobres que não possuíam condições financeiras para conseguir atendimento médico. Estas mesmas mulheres eram quase sempre apontadas pela sociedade e principalmente pela igreja católica como *hereges*, bruxas que realizavam atos satânicos, ou seja, que contradiziam os preceitos disseminados pelo catolicismo aos fiéis (PRIORE, 2010).

A tradição do ato de se benzer, ou de curar, através de elementos simbólicos é uma espécie de ritualização das *coisas pela fé*, onde na maioria das vezes, se não em todas, se misturam o sagrado com o profano. Herança esta estabelecida pela miscigenação de povos e consequentemente de culturas, primeiro, os portugueses que ao chegarem ao Brasil trouxeram como arcabouço seus conhecimentos prévios de mundo, nos deixando algumas influências e, posteriormente os africanos, que por sua vez trouxeram sua herança cultural para os novos habitantes (NERY, 2006).

Estes conhecimentos foram transmitidos à população pobre, mas precisamente a mulher negra, cabocla e mulata, por estes não ter acesso a recursos médicos, acabaram encontrando métodos que diminuíssem o sofrimento dos seus, passando a ter um conhecimento das plantas medicinais da colônia, juntamente com os conhecimentos de plantas medicinais trazidas pelos portugueses.

Essa tradição que começou a ser repassada de geração para geração, surgindo o costume dos remédios e curas através de recursos naturais, passando então a se ter a necessidade e procura por chás medicinais, simpatias, benzeções entre outros mecanismos que veio trazer uma solução de conforto para as classes menos favorecidas.

No Brasil colonial, as mulheres eram vistas como seres inferiores, submissas aos homens devendo a eles obediência e respeito, seja ao pai, irmão ou esposo. Elas eram tidas como animais imperfeitos:

²Iemanjá é um orixá feminino (divindade africana) das religiões Candomblé e Umbanda. O seu nome tem origem nos termos do idioma Yorubá “*Yèyé omo ejá*”, que significam “Mãe cujos filhos são como peixes”. No Brasil, a deusa Iemanjá recebe diferentes nomes, dentre eles: Dandalunda, Inaé, Ísis, Janáina, Princesa do Mar, Rainha do Mar, Sereia do Mar, etc. Também é considerada como a “Afrodite brasileira”, a deusa do amor a quem recorrem os apaixonados em casos de desafetos amorosos.

Segundo Araújo (Apud Priore, 2010, p.46-47).

São por natureza mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influencia do espirito descorporificado, além do que, possuidoras de língua traiçoeira, não se abstêm de contar às suas amigas tudo o que aprendem através das artes do mal. [...] Toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres.

Araújo vem salientar então por meio desta passagem, o pensamento que se tinha sobre a mulher nessa época para a sociedade. O período colonial no Brasil foi marcado pelo uso de várias práticas heterodoxas aos dogmatismos católicos. Dentre essas diversas práticas estavam os atos da feitiçaria, utilizada para múltiplos fins, sendo a conquista amorosa um dos principais deles. A associação da reza, benzeção ou até mesmo a feitiçaria era basicamente vinculado ao gênero feminino, pois se acreditava que os ritos e feitiços realizados pelas “bruxas” eram úteis principalmente no campo afetivo, relacionando a feitiçaria com a sexualidade feminina. Dessa forma as mulheres corriam sérios riscos de serem confundidas com feiticeiras, estando vulneráveis as penas impostas pelo Santo Ofício da Inquisição, já que o controle do corpo, sempre consistiu uma das grandes preocupações da Igreja.

Durante todo esse período a Igreja Católica no Brasil, seguindo as diretrizes do catolicismo da Europa, buscou reprimir o máximo o contato das pessoas com o corpo – tanto com os deles como de terceiros, pois se tinha a concepção que da mesma forma que a alma, o corpo também deveria se manter puro e casto para que pudesse alcançar a salvação.

Já as feiticeiras da década de 1590 existentes na colônia eram bastante influentes em Salvador, elas manipulavam anseios e reforçavam as crenças. Eram muito conhecidas pelas *Cartas de tocar*, cartas estas condenadas pela inquisição, que continham fitinhas de papel com formulas “infalíveis” para conquistar o amado, - segundo o discurso das feiticeiras. As mulheres eram temidas por naturalmente trazerem consigo o pecado original, muitos as viam como se o seu “líquido menstrual” fosse uma marca do pecado, condenadas então a sempre estarem feridas. Tal líquido era tido como um grande veneno, capaz de murchar qualquer planta, matar qualquer animal e deixar loucos os homens (PRIORE, 2010).

Além das diversas maneiras que as mulheres detentoras de saberes oral praticavam nesse período, também sofriam influências da cultura africana que perpetuam até os dias de hoje em algumas rezadeiras. Como o uso e emprego de talismãs, amuletos e fetiches, consideradas formas de bruxaria pela igreja. Outro fator que também influenciou a forma de cura foram às cerimônias entre os povos indígenas, os quais se apoiavam na intimidade com a flora medicinal brasileira.

Esta herança cultural já faz parte de um legado, no qual perpassa, pois desde a colonização dos portugueses aqui na nova terra/Brasil, adquirindo novos hábitos com os que aqui já existiam/índios, e se afixando com a chegada de outros povos em destaque os africanos. Antes se usava da prática de benzeção, pelo o fato da dificuldade dos escravos aos recursos da medicina, porém, atualmente ainda se perpetua esta prática, em sua maioria em cidades do interior do Brasil, na zona rural, não por falta de atendimentos médicos, mas porque esta cultura foi passando de geração em geração, fazendo parte da cultura de um povo.

1.3 AS PRÁTICAS DA “BENZEÇÃO”

Os benzedores, curandeiros ou rezadores, são pessoas possuidoras de sabedoria popular, para eles a oração é um alimento da alma, no qual através da cura expressada ante a fé em orações e objetos simbólicos, aproxima a alma de Deus. A benção adquirida pela reza do benzedor é obra de Deus, pois o milagre da cura é ele quem realiza através das orações que Jesus nos ensinou. Cada oração serve para curar determinados tipos de doenças, como o quebranto, engasgo, dor de pontada, cobreiro, dor de dente de cabeça entre outras (Nery, 2006).

As pessoas que procuravam e procuram tais atos de cura por intermédio da reza possuem um contexto em que há necessidade de recorrer ao sagrado para resolver algum tipo de problema, seja ele físico ou espiritual. O ato da reza é praticado utilizando-se como ferramenta a fé do rezador assim como a do fiel que o procura. A religião vem fazer parte de um conhecimento diferenciado, o qual busca mostrar como os seres sociais se relacionam com o sobrenatural ou a divino e possibilita análises possíveis de elementos significativos das manifestações culturais. Podendo ser considerada a religião de cada um como sendo uma própria cultura.

Os rezadores, senhoras e senhores que exercem a reza como instrumento de cura, realizam tais rituais e acabam por realizarem uma permanência de costumes, crenças e tradições que antes eram muito comuns em nossa sociedade. Tais rituais possuem um caráter social entre o rezador e a comunidade do qual fazem parte, estabelecendo uma relação de trocas de sentimento, confiança, respeito, amizade e confidências. Esses benzedores possuem uma parcela bastante importante perante a sociedade a qual vivem, estabelecendo relações com o sagrado, mantendo usos e costumes tradicionais, sendo transmitidos de geração para geração.

Porém, cada rezador possui e pode desenvolver maneiras distintas e particulares de praticar a cura. Enveredando pelos caminhos da cultura nos permite um esplêndido fascínio pela riqueza de conhecimento que as pessoas mais velhas possam nos oferecer, mesmo com as inovações e mudanças dos tempos que surgem, os conhecimentos dos mais velhos devem e tem que ser perpassado para os amigos, vizinhos e conhecidos no geral, pois assim conseguiremos manter viva a identidade de uma comunidade.

A prática da reza é praticamente desenvolvida pelas mulheres, sua presença é marcada pela credence desde tempos antigos. Mais esse mundo das práticas orais, e atos de reza e cura também é feito por benzedores, estes são bastante procurados para rezar em “ofendido de bicho”, animal com bicheira, para colocar um osso descolado, porém, também realiza orações para mal olhado, dores de cabeça, espinhela caída ou corpo aberto entre outros.

As benzedoras também podem realizar os mesmos tipos de orações, porém, são mais procuradas para retirarem os males de crianças como vento caído, tirar o quebranto ou mal olhado entre outras orações. O quebranto ou mal olhado pode ser diagnosticado quando a criança esta enjoada, birrenta, ou com falta de apetite entre outros sintomas, o que segundo as benzedoras “alguém colocou um mau olho sobre a criança, podendo ter sido uma pessoa desconhecida ou até mesmos parentes” (NERY, 2006). Situação muitas vezes que não é voluntaria, pois segundo as mesmas rezadeiras, algumas pessoas possuem um olhar que involuntariamente é capaz de “sugar” as energias de outras. E para se tirar completamente o olhado é necessário que a benção seja realizada três vezes.

Por sua vez as ervas e plantas medicinais mais utilizadas durante a benção é o pião roxo³, vassourinha⁴ entre outras ervas. Quando essas ervas ficam murchas durante o ato da reza é segundo as rezadeiras absorvendo o malefício que estava no fiel. Utilizando-se também da arruda para se curar as enfermidades e se proteger do “mau olhado”, sempre indicado pelo rezador, colocar um pequeno ramo atrás da orelha para se proteger.

As benzedoras, geralmente usam muitos os nomes de santos católicos para curar males, como Santa Luzia (santa dos olhos); São Brás (para curar engasgo); Santa Apolônia (para dor de dente); São Sebastião (para benzer as lavouras); São Francisco (para proteger os animais); Nossa senhora do Bom parto (na hora do parto); entre outros (Nery, 2006). Porém,

³O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) é uma planta também conhecida como pinhão-de-purga, pinhão-paraguaio, pinhão-bravo, pinhão, pião, pião-roxo, mamoninho, purgante-de-cavalo, *Americanpurgingnut* (inglês), dentre outros nomes populares. Inclui o sinônimo botânico *Adenoropium gossypifolium*. E pertence à família Euphorbiaceae.

⁴De nome científico *Scoparia dulcis*, a vassourinha doce é uma planta medicinal nativa das Américas Central e do Sul, sendo também conhecida como coerana-branca, tupaçaba, corrente roxa, ganha-aqui-ganha-acolá, vassourinha-cheirosa, vassourinha-miúda, dentre outras denominações. Esta planta é historicamente utilizada pela população cabocla e na medicina popular, além de também fazer parte da farmacopeia homeopática.

mesmo praticantes do catolicismo, boa parte dos rezadores entrevistados afirmam que tem como protetora Iemanjá, já representada como um orixá da umbanda, fato que salienta as práticas consideradas pagãs pela igreja católica. As formas e gestos realizados pelos benzedores no ato da benzeção são todos muito parecidos ao da religião católica, eles fazem o sinal da cruz ao darem início à reza, realizam orações como o Pai Nosso, Ave Maria, o Credo entre outros, na maioria das vezes os rezadores fazem suas orações em voz baixa, o que impede nossa compreensão sobre a mesma já quando realizadas em voz um pouco mais elevada também se tornam incompreensíveis pela forma como a reza e oração é conduzida.

O ato da reza é realizado para diversos fins, como afastar o mal olhado⁵, espinhela caída⁶, dor de cabeça, vermelhão na pele⁷, engasgamento⁸, para apagar fogo, e até contra certas enfermidades que caem sobre os animais, uma prática tida para atender as necessidades e dificuldades dos fiéis que procuram ajuda destes rezadores e rezadoras. São também utilizadas por alguns benzedores além de um grande número de rezas, outras práticas orais como cantos religiosos e benditos. Eles conhecem rezas, simpatias e remédios, buscando então através destes mecanismos promoverem a cura, trazer alívio tanto para o corpo como para a alma. Os rezadores ao proferirem seus discursos, através de relatos de suas memórias nos ajudam a compreender como cada experiência é única e ao mesmo tempo de toda comunidade, de forma que se pode conhecer a história social da comunidade.

As benzeções são saberes populares realizados por membros das comunidades responsáveis por trazerem a paz espiritual dos fiéis que os procuram, saberes estes que são (re)significados e criados pela cultura, com entendimento sobre conhecimentos de ervas, banhos, receitas, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, garrafadas, medicamentos caseiros entre outros. Intervindo dessa forma diretamente na vida cotidiana dos fiéis. Seu aprendizado é mediante a memorização de palavras mágicas. As benzeções são patrimônios culturais – conjunto de todos os bens, matérias e imateriais, que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo,

⁵ Mau-olhado, olho gordo ou quebrante é uma crença folclórica (provavelmente muito antiga por ser observada entre vários povos) de que a inveja de alguém, demonstrada pelo olhar ou não, pode vir a ocasionar a degradação do alvo da inveja ou de uma boa sorte. Para tanto, em todas as culturas em diversos tempos da história, foram criados amuletos contra o mau-olhado.

⁶Espinhela Caída também conhecida por Lumbago é a designação popular de uma doença caracterizada por forte dor na boca do estômago, nas costas e pernas, além de um cansaço anormal que acomete o indivíduo, ao submeter-se a esforço físico. No Brasil, a doença é também referida como "espinhela caída" (BA), e "peito aberto" (PE), ou ainda como "arca caída".

⁷Rubor é a vermelhidão da pele que pode ocorrer em qualquer área do corpo, em qualquer extensão, em virtude da dilatação dos vasos sanguíneos e conseqüentemente, maior fluxo de sangue naquela área.

⁸Engasgo ou obstrução de vias aéreas por corpo estranho (OVACE) é o bloqueio da traqueia de uma pessoa por um objeto estranho, vômito, sangue ou outros fluidos.

e não se pode deixá-lo esquecido ou até mesmo se acabar com o passar do tempo, devendo ser transmitidas a membros da comunidade que tenham interesses em continuar com o legado.

Estas práticas populares, porém possuem algumas regras disseminadas por esses rezadores, como os ensinamentos das práticas de rezas, muitos rezadores relatam que as mulheres só podem ensinar a outra mulher, caso deseje parar de rezar, da mesma forma acontece com o gênero masculino, pois poderá causar um “enfraquecimento da reza”, devendo o certo ser o homem ensinar a mulher e vice-versa.

A prática da reza pode ser realizada por dois vieses: primeiro deve ser entendida como uma das diversas estratégias da população empobrecida em resguardar bens simbólicos de uma longa tradição. Ou a prática de benzeções pode ser realizada por experiência com o sobrenatural, ou seja, por esse mecanismo o aprendizado do benzedor é adquirido através e por intermédio de forças divinas conduzidas por anjos e/ou guias, todos os conhecimentos adquiridos com relação à arte da cura e da benzeção é atribuído à inspiração de entidades sobrenaturais. (Conceição, 2010).

Ao buscar a cura em um rezador, o “fiel” tenta descobrir o que está acontecendo com ele, procurando através de outros recursos, que não sejam os da medicina científica, encontrar solução para suas aflições e seus males, sendo estas intervenções vistas como atividades terapêuticas. Situação que é bastante conhecida entre pessoas com religião católica, mesmo que tais práticas tenham sido consideradas como atos pagãos pela igreja católica. A ação destes benzedores busca conseguir uma ligação com o sagrado, pela qual se tenta conseguir a cura para o “fiel”, utilizando-se para tais fins sempre o uso de algum tipo de reza ou prece.

Um das formas mais tradicionais de reza e de prática oral utilizada pelos rezadores é a benzedura. Este ato é realizado como mecanismo para se retirar “mau-olhado” do fiel, para descarregar as energias negativas e de cobiça que sobre ele recaíram, as ervas utilizadas para a realização de tal prática são principalmente três galhos de vassourinha ou pinhão roxo. Após o processo de cura vêm as prescrições do benzedor, que pode variar, desde conselhos de como se comportar, se alimentar até com uso de alguns medicamentos ou pomadas. Também se benzem animais que estejam com doenças corrosivas, ou seja, com alguma ferida que esteja se alastrando, esta prática pode ser realizada com uma oração, com ervas ou mesmo só com o pensamento no animal.

Outra maneira é a realização de garrafadas, utilizadas por muitas rezadoras e rezadores. Consiste numa mistura de ervas, como medicamento para determinadas enfermidades. Passando por todo um processo de ritualização, realizando uma oração e enterrando por um período a garrafa com a mistura quando necessário.

Além da prática de rezar os ossos deslocados, que consiste em costura no formato de uma cruz um pano por algumas vezes sobre a parte deslocada do enfermo, e através dessa simbologia consegue-se colocar o osso do mesmo no local.

1.4 SABER POPULAR X SABER CIENTÍFICO

No início do processo de colonização de nosso país, tanto homens como mulheres acreditavam que as doenças, assim como tudo ruim que acontecia era uma advertência divina de que estava fazendo ou teria feito algo de errado. Deus era descrito então como sendo um pai bravo e intolerável, castigando seus filhos com mazelas em seus corpos. Buscando através desses maus acometidos tentar redimir seus filhos dos pecados cometidos e salvar suas almas. A doença para médicos e padres daquela época era nada mais do que os castigos pelas infrações e pecados cometidos pelos humanos.

Como já salientado, mais uma vez a mulher era vista como a culpada dos males acometidos, como um palco sóbrio de disputa entre Deus e o diabo. Na mulher qualquer doença, qualquer mazela era reconhecida como castigo por algum pecado ou como um sinal demoníaco dos seus atos satânicos e obscuros. “A principal causa por que os ministros diabólicos se enfurecem contra os corpos humanos vem a ser porque o demônio é nosso capital inimigo e, para que Deus façam as maiores injúrias, faz que contra aqueles [homens] se maquinem as maiores insolências”. (PRIORE, 2010, p.80).

O detentor de saber e criador dos conceitos referentes a doenças no período colonial era o médico, o que este falasse estava certo e era lei, pois ele detinha o domínio sobre a medicina e seus mecanismos. Mesmo com os diversos avanços científicos, as inovações e descobertas realizadas nos corpos humanos, a força exercida pelos preceitos religiosos exerciam grandes influências. Acreditavam que o corpo feminino servia apenas como um ato de procriar sendo visto como assunto divino e por isso intocável, mostrando com esse pensamento o forte poder dogmático da época, já que um conceito (médico) influenciava o outro (igreja).

Nesse ambiente onde a religiosidade católica prevalecia, os preconceitos, difamações e perseguições contra as mulheres eram constantes tanto por parte da igreja como dos próprios médicos da época:

[...] a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para sobrevivência dos costumes e das tradições femininas.

Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedoras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. (Idem, 2010, p.81)

Era todos esses conhecimentos populares que faziam estas mulheres serem capazes de lidarem com as dificuldades e doenças que lhes apareciam quando não tinham atendimentos médicos disponíveis, era uma maneira de buscar uma solução para curar seus males e sofrimentos, e por também acreditarem que as doenças que lhes afligiam eram de origem sobrenatural ou por castigos causados por algum pecado. E ao recorrerem ao sobrenatural em busca de cura, estas ficavam sobre a mira da igreja, que passava a vê-las com feiticeiras, capazes de detectar e também revelar as manifestações de satã nos corpos adoentados.

O ato de benzer ou buscar a cura nesse período, o “curandeirismo” surgiu como uma necessidade de uma medicina popular, de mecanismos que trouxessem aos fiéis uma satisfação, seja ela espiritual ou física, já que o atendimento médico era escasso, os praticantes dessa cura oral ficavam conhecidos como médicos dos pobres, sendo estes estimados e respeitados pelos mesmos. Com a falta de recursos da medicina para se combater as doenças que surgiam no dia a dia, mulheres recorriam a curas informais, no lugar dos procedimentos médicos científicos, eram tais mulheres que formulavam maneiras de resgatarem a saúde. Se apossando de uma série de saberes gestual e orais, advindos de seus ancestrais sobre a utilização de ervas, minerais e animais para a fabricação de remédios terapêuticos em prol da cura do enfermo.

As rezadoras ou benzedoras buscam com a ajuda de ervas e plantas que consideram mágicas e abençoadas trazer uma solução para os fiéis que as procuram em busca da paz espiritual e também a cura do corpo e da alma, tentando essas médicas populares, transformar seus “pacientes” em criaturas invulneráveis aos olhares e ares venenosos. Segundo Priore; “o papel da curandeira ou benzedora consiste em retirar o *doente* do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos” (p.95-96).

Desde o período colonial até os dias atuais se vem tentando separar os saberes terapêuticos populares dos saberes oficiais, científicos ou acadêmicos, destacando a literatura que os poderes mágico-religiosos são os marcos divisórios entre esses dois mecanismos de cura. Quintana (1999) fala que existe uma diferença clara entre esses saberes, pois o saber científico gira em torno do conhecimento empírico, o racional, orgânico entre outros, e já o saber popular se baseia na simbologia, no ritual, irracional no social e psicológico. Muitas vezes as pessoas procuram rezadores e curandeiros porque sentem a necessidade de uma

explicação e esclarecimento do que está acontecendo com elas, apreendendo o sentido de suas doenças.

Ao deparar-se com a morte, o sujeito se coloca frente a frente com a fragilidade humana e, por sua vez, com a falta de sentido que questiona a totalidade das construções simbólicas pelas quais se orienta no mundo. Surge, então, a necessidade de cobrir essa ruptura, de obturar essa falha mediante novas construções simbólicas. (QUINTANA, 1999, p.33).

Seguindo essa linha de raciocínio, o papel do médico é de ser aquele que vem retirar a doença do corpo, porém para a doença da alma os “fiéis” procuram seus médicos populares. A cura do espírito e do corpo tem que manter um equilíbrio e andarem juntas para que se tenha um resultado satisfatório. No entanto, a vinculação da medicina com a religião era tida desde o início como uma forma de atraso científico, assim a medicina foi se afastando cada vez mais da religião. Porém, levou consigo um conjunto de simbologias e construções simbólicas.

A presença de crucifixos nos quartos de hospitais, as capelas, os nomes de santos dados a muitos desses sanatórios, a disposição dos móveis no consultório, a exposição dos diplomas na parede, a utilização da escrivaninha como forma demarcadora do espaço são maneiras de apontar para o sagrado. (QUINTANA, 1999, p. 37).

Embora a medicina acadêmica tenha avançado bastante ao longo do tempo juntamente com os diversos mecanismos utilizados para tenta apagar, esquecer e até mesmo denegrir as práticas de benzeções, não conseguiram afastar essa cultura popular de sua realidade. Por mais ou menos devoto que seja, existe sempre uma pessoa a procura de um rezador ou benzedor para por fim a sua dor, acreditando assim como na cultura popular, que o corpo não se separa do espírito, nem o homem se desliga do universo e muito menos a vida da religião.

Para diversas doenças, os fiéis procuram tratamentos populares, sendo que as causas e remédios são bastante variados de doença para doença. Dessa maneira, a benção juntamente com o remédio, tem como objetivo salvar o doente como um todo, andando juntas muitas vezes o saber científico e o popular, não separando a vida e religião nem o profano do sagrado.

Dessa maneira, a contribuição da cultural oral e saberes passados por rezadores e conhecedores das práticas orais ao longo do tempo são de importante relevância para se conseguir compreender os valores e costumes arraigados em uma determinada comunidade.

CAPITULO 2
DELIMITANDO O TERRITÓRIO: AROEIRAS E SEUS REZADORES

2.1 AROEIRAS: REGIÃO DOS REZADORES ANALISADOS



FOTO1: Cidade de Aroeiras. Fonte: 1600x1200 Aroeirasmix. blogpot.com

O município de Aroeiras está localizado na microrregião Aroeiras e na mesorregião agreste paraibano do estado da Paraíba. Sua Área é de 375 km² representando 0.6638% do Estado, 0.0241% da Região e 0.0044% de todo o território Brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 363 metros distando 104,6712 Km da capital. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230/BR 104/PB 102/PB 090 está inserido nas Folhas SUDENE de Surubim e Campina Grande.

O município foi criado no ano de 1953, tendo como total da população segundo o IBGE realizado em 2010 aproximadamente 19.082 habitantes, sendo 6.579 na área urbana. O relevo é bastante movimentado, moderadamente dissecados, apresentando altitudes entre 300 e 700 metros, com solos pobres e rasos. O potencial da água subterrânea é quase sempre baixo a muito baixo, a vegetação é composta por floresta Caducifolia, Cerrado e Caatinga. Tendo o clima caracterizado por ser muito quente, com a estação do inverno chuvosa (IBGE, 2010).

A cidade de Aroeiras – PB surgiu a partir de uma casa de farinha do proprietário Antônio Gonçalves, para onde os agricultores se deslocavam com carregamentos de mandioca para a transformação em farinha. Devido à afluência de fabricantes e comerciantes daquele produto, o Sr. João de Souza, construiu em 1881, uma rústica latada⁹, coberta com palha de coco-católé, que servia de abrigo aos frequentadores da Feira de Catolé dos Souzas, como ficou conhecida. A feira, que contava com participação de moradores de toda a região, foi

⁹Latada é composta por uma grade de ripas, varas ou canas, na qual se apoiam trepadeiras, parreiras, como outras espécies de plantas trepadeiras e/ou cobertura (em geral de folhas de coqueiro) improvisada para abrigar pessoas.

crescendo e logo, surgiram novas casas residenciais, formando um núcleo populacional que tarde foi elevado à categoria de Vila pertencente ao município de Umbuzeiro (Aroeiras, 2003).

Então o novo distrito subordinado ao município de Umbuzeiro pela lei municipal nº 12, de 25-10-1905, ficou conhecido como Aroeiras e seus moradores passaram-se a serem denominados aroeirenses. A emancipação política ocorreu em 1 de dezembro de 1953 pela lei estadual nº 980, desmembrado de Umbuzeiro. Instalado em 28 de dezembro de 1953.

Um aspecto da qual devemos destacar na trajetória do município é o fato da construção do terceiro maior reservatório hídrico do estado, conhecido como “Barragem de Acauã”. Este fato gerou uma forte reação por parte dos habitantes da região inundada, que alegaram deixar de ter o mínimo de condições necessárias para uma vida digna. Hoje além da zona urbana, o município conta com um grande número de habitantes na zona rural (mais da metade da população total), destacando-se, a população do distrito de Pedro Velho, que se localizava onde hoje se encontra construída a Barragem de Acauã.

2.2 DEFININDO OS ENTREVISTADOS: PERFIL SOCIAL

Os entrevistados para construção de nossa pesquisa foram homens e mulheres moradores na zona rural da cidade de Aroeiras (PB). Todos são agricultores que passaram boa parte da vida (se não toda) morando na zona rural. E é por este motivo que acreditamos que fazem parte de certa cultura popular tão forte e enraizada nas comunidades em que vivem.

As histórias de vida dos entrevistados se parecem em muitos aspectos. São pessoas que em sua maioria não tiveram condições e nem possibilidades de frequentar o ambiente escolar, casando-se cedo no caso das mulheres e começando a trabalhar desde muito jovens. Relatam que nessa vida já passaram por muitas dificuldades e sofrimentos, podendo ser considerados pessoas socialmente vulneráveis.

Quanto à questão da benzação, cada entrevistado mostrou uma peculiaridade em sua prática oral. Uns afirmam rezar apenas pessoas próximas, no entanto não rezam assiduamente e nem tiveram a pretensão de se tornarem rezadores, é o caso de Dona Zita e Dona Biata que começou a rezar apenas para buscar uma melhoria dos espíritos que lhe “atazanavam”, como costumava falar. Já outros rezam por prazer e vontade de servir a todos que lhe procurassem como é o caso de Dona Terezinha e seu Zé Pitanga, que afirmam ter recebido o dom que Deus lhe deu, com todo amor e felicidade apesar de saber que para isso deveriam “abrir mão de certas coisas” como afirma Dona Terezinha, sabendo das restrições e práticas daqueles que são servas de Deus.

Seu Fernandes afirmou aceitar o dom que Deus lhe deu, mais afirma que sua prática de reza é realizada totalmente por seus guias, ao ponto que nunca soube o que se passa com ele no momento em que recebe em seu quarto de oração determinado fiel. Já seu Nascimento revela que sempre estará disposto a ajudar a quem o procurar com fé, mas que não tem o ato de reza pessoas como um “rezador”, ou seja, como um rezador ele não se considera, afirma que aprendeu por curiosidade orações que possam curar juntamente com a fé que qualquer fiel possa ter.

São homem e mulheres que viveram boa parte de sua vida, se não toda ela, com valores arraigados pela fé e religião católica, apesar de muitos tenderem suas práticas para o espiritismo¹⁰ ou até se envolverem com simbologias e entidades referentes à religião do Candomblé, se consideram católicos fervorosos e com uma enorme fé em Deus, o que vem ressaltar vestígios de um catolicismo rústico. Possuindo crenças e valores muito tradicionais.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DOS REZADORES AROEIRENSES NA CULTURA ORAL

2.3.1 PRÁTICAS ORAIS DE “DONA ZITA” E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A POPULAÇÃO LOCAL



FOTO 2: Dona Zita realizando uma benzeção com pião roxo para retirar o mal olhado do consultente. (Foto: Benvinda Jasmicleime).

A senhora Josefa Gonçalves da Silva Caetano, conhecida por “dona Zita”, senhora de 50 anos, natural do município de Aroeiras, reside na zona rural, sit. Chã da Barra onde também nasceu. A mesma ao ser entrevistada se mostrou um tanto inibida por causa dos estereótipos levantados em torno da questão – a prática de reza. Até porque quando aprendeu o ato da reza, exclusivamente a benzeção utilizava apenas para melhor lidar com as doenças e mazelas que pudessem acometer a seus filhos, já que na época se tinha uma escassez de

¹⁰Espiritismo, doutrina espírita ou Kardecismo é uma doutrina que alia ciência filosofia e religião, buscando a melhor compreensão não apenas do universo tangível (científico), mas também do universo a esse transcendente.

médico e dificuldade para poder conseguir uma consulta. “Eu aprendi pra rezas meus menino, ai depois o povo vinha trazer os menino pra rezar e eu num ia dizer que não né!!”.

De uma origem humilde, e criada com certos pudores, Dona Zita, como gosta de ser chamada, cresceu nesta região, sendo criada apenas por sua mãe. Passou sua infância trabalhando na roça e lidando com crenças aprendidas com sua matriarca, valores ligados ao catolicismo. Por ter casado jovem e não ter tido chance de continuar os estudos – cursando só os primeiros anos escolares (dado a condições locais, na época), dona Zita acredita que tudo aquilo que sabe hoje teve como incentivadora sua avó.

A mesma ao relembrar os costumes de seus antepassados, se sente um tanto orgulhosa, afirma, pois que quando criança via sua avó exercer suas crenças em torno de imagens e utilizar alguns ramos para o exercício da reza, a mesma instigada através da curiosidade, insistiu para que sua avó ensinasse esta prática. Porém só aos 20 anos (mais ou menos) é que sua avó repassou seus ensinamentos, já que entre as rezadeiras se diz que uma pessoa só deve passar seus ensinamentos religiosos a alguém do mesmo sexo quando não mais tiver o intuito de rezar. A mesma afirma que a partir daí passou a praticar estes atos de rezas, porém reza apenas olhando utilizando-se de ramos como: pião e vassourinha (ervas disponíveis na região).

Quando perguntada sobre o que seria o olhado a mesma afirma que: “... Eu sei que é quebranto¹¹, que os povo diz assim, que o pessoal bota né...”. A mesma cresceu ante uma comunidade pequena, tendo como ofício a agricultura de subsistência apenas, trás como ensinamento os costumes de seus antepassados, e as crenças que aprendeu com a cultura local.

A mesma se sente um tanto constrangida em relatar sua história, talvez por preconceitos enraizados dentro de si, por ter crescido numa região que durante a sua infância tinha como predomínio o catolicismo, ainda possui os preconceitos enraizados com relação ao próprio ato da rezar, valores e concepções de valores religiosos remanescentes da Igreja Católica: “A veis né (riso inibido) a vei chama a pessoa de... coisa né... catimbozeira¹², avei de né, macumbeira...”. Tanto que a mesma só procura rezar seus familiares, mas acredita que consegue “afastar o mal” de quem a procura.

¹¹Quebranto é uma suposta influência maléfica de feitiço, por encantamento à distância; efeito malévolos, segundo a crença popular, que a atitude, o olhar etc. de algumas pessoas produzem em outras. No Brasil, o quebranto está sempre relacionado ao feitiço e a influências maléficas, sendo considerada uma doença causada pelo mau-olhado, também conhecida como quebrante.

¹² Expressão pejorativa que vem de catimbó, é um conjunto específico de atividades mágico-religiosas, originárias da Região Nordeste do Brasil. Conhecido desde meados do século XVII, o catimbó resulta da fusão entre rituais indígenas de pajelança, que foram agregados os conhecimentos de origem africana, trazida pelos negros que foram escravizados.

Dona Zita, uma mulher de forte vínculo com a fé, tem crenças enraizadas no catolicismo, pois afirma que antes de iniciar sua prática oral se benze fazendo o sinal da cruz para que as forças espirituais não se aproximem da mesma, bem como tem sempre como protetor espiritual as três chagas de Jesus. Como se percebe há uma cultura enraizada ligada à fé e acolhida por uma população que tenta encontrar meios para diminuir seus sofrimentos, mostrando a grande ligação dessa população com o catolicismo rústico ou popular.

Estes relatos nos deixam como legado a cultura e história de um povo. Dona Zita, traz o próprio retrato de seus antepassados, uma cultura que foi repassada. Por mais que a mesma traga alguns resquícios que são da cultura católica, ela se vê ante uma cultura oral, em que usa dos ensinamentos do cotidiano, junto com crenças católicas.

2.3.2. DONA TEREZINHA E SUA CULTURA ORAL MANIFESTADA ATRAVÉS DA REZA



FOTO 3: Benzedeira Dona Terezinha realizando uma benzedura com galhos verdes (Foto: Cedida por Janaina Gonçalves da Paz).

A senhora Terezinha Gomes de Farias, conhecida por dona Terezinha, é natural da localidade de Chã da Barra, município de Aroeiras e residente da mesma localidade. A personagem possui uma faixa etária de 54 anos, tendo como profissão a agricultura. A mesma mostrou-se receptiva a entrevista. Ela trás como lembrança relatos de suas práticas orais ao longo de sua vida. Relatou tais fatos ocorridos, relembrando os acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida. Nossa colaboradora relatou que começou a prática de reza com apenas três anos de idade:

[...] 03 anos de idade, [...] rezano as boneca, rezano... As galinha de minha mãe, os bicho... Que tudo que eu encontrava eu rezava, e nisso eu fui crescendo e continuei..., a depois que eu me entendi o que era uma reza, aí justamente eu... Continuei rezando

as pessoa..., e hoje eu rezo as pessoa e rezo o animal. Vamo supor se um bicho dá cria, e não fica bom... [...]

Dona Terezinha confessa que aprendeu sozinha o ofício das práticas orais, apesar de trazer como parte do seu legado, os dons de seus antepassados:

Mas aquilo que Deus me ensinou, foi Deus que me insinou, não foi pai, não foi mãe não foi marido, não foi tio, não foi tia, não foi nada, foi Jesus, Deus que me deu aquele dom de criança, quando eu nasci, já nasci com aquela coisa, que era pra mim fazer o bem as pessoa que me procurasse. [...] E eu acho que isso aí eu trouxe dos meus avô e do meu pai... Meu pai... Rezava, meus avô rezava e meus bisavô rezava... Isso aí é uma coisa que eu tenho por certeza... Foi uma benção que eles me deixaram...

Ela já tem uma história construída nesta localidade, pois, sempre se dedicou a vida religiosa, buscando auxiliar aqueles que a procuravam, Dona Terezinha, segue algumas características que parecem mais com o candomblé, pois presta quase que uma adoração a Iemanjá, sempre a usando com protetora espiritual na hora da reza.

... Aí as coisas mai que eu pirfiro... dos meu santo... Eu amo todo os meus santos, só que Iemanjá pra mim, Deus me perdoi, Deus me perdoi, todos eu amo, agora Iemanjá pra mim é a santa mais que eu tenho devoção com ela... No caso assim se uma pessoa falar assim: tu gosta de Iemanjá proque tu acha ela bonita, ou tu gosta de Iemanjá proque... Eu gosto de Iemanjá proque ela me ajuda nos trabalho intendeu?... Se eu for lhe rezar primeiramente eu me benzo e me entrego ao divino espirito santo, aí eu peço força a Iemanjá... Força de vontade... Justamente é eu com ela...

Porém, ao mesmo tempo dona Terezinha demonstrou caracteres voltados ao catolicismo, havendo aí uma espécie de contradição, pois a Igreja Católica sempre condenou qualquer ato voltado para a oração que não partisse dos seus princípios, o uso de objetos utilizados na prática da cura, por exemplo, situação vigente desde o período medieval. Quando questionada acerca de algumas restrições referentes ao ato da reza, Dona Terezinha salientou: “Eu não posso comer carne todo dia, na sexta-feira você que tem devoção, você não pode comer carne, nem na segunda-feira você não pode comer carne, proque aquilo ali nem é bom pra você nem é bom pra seus companheiros que vive com você...”.

Em todo o percurso realizado com esta praticante da reza popular, sempre há um embate em questões que envolvem a religião, há aqui uma miscigenação, de religiosidade, se assim pode-se dizer, pois por mais seguidora que ela seja do catolicismo, vai sempre envolver seus conhecimentos prévio de mundo, e que não aprendeu em nenhuma igreja e muito menos no universo escolar, mas foram absorvidos em sua mente através de ensinamentos de seus antepassados e das práticas diárias, ou seja, ao longo do tempo esses rezadores foram

absorvendo valores impregnados pelo catolicismo rustico, com as culturas indígenas e afro-brasileiras, por exemplo.

A mesma se mostra sempre pronta para acolher aqueles que lhe procuram, e se sente orgulhosa por continuar levando a cultura de seus antepassados aos demais, com seus ensinamentos e conhecimentos populares, não teme aos conceitos prejudicados de terceiros e sabe da importância que esses saberes têm para a sua comunidade, ao lidar com fatos inexplicáveis aos olhos do homem.

Porém, dona Terezinha não é bem acolhida por todos da região sendo taxada por alguns de catimbozeira, há ainda o prevaricamento do preconceito em torno da pessoa que pratica a reza oral, mas a mesma não se afeta com tais apelidos, afirmando que se Deus sofreu e foi caluniado porque com ela seria diferente. Apenas pretende continuar auxiliando os necessitados de cura espiritual e/ou problemas de saúde, através da fé, ela crê que pode de alguma forma modificar de alguma forma a vida dos que a procuram, salientando que estará sempre pronta a servir seus irmãos: “Eu rezo de manhã, eu rezo a tarde e rezo a noite, porque se me procurou é porque Deus mandou... É no meio da rua, é em qualquer lugar, falou comigo, precisa... Vou rezar, veja quem quiser, eu tô fazendo aquela obrigação minha, fale o quiser...”.

Dona Terezinha também ressalta suas práticas diárias como rezadeiras, afirmando que todo dia tem seu momento de oração em casa, além da sua prática de limpeza, realizada por meio de um banho com ervas cheirosas. Há nesse caso a prevalência da sabedoria popular, passada de geração para geração e que se concentra na utilização da simbologia, entendida aqui como a busca por respostas a problemas que necessitam de uma interação com o sobrenatural, ligado através da fé, fé essa que alivia as dores humanas.

Através desses relatos dona Terezinha nos mostra um pouco da história de seu povo, bem como admite a importância da permanência dos ensinamentos populares, para que as futuras gerações tenham ao que recorrer para resolver seus problemas, quer sejam espirituais ou não. Tanto que se mostra preocupada porque afirma que se nenhum de seus filhos a procurar para o ensino destas práticas orais, não tem como deixar este legado e a história vai se encerrar com ela. Mostrando certa tristeza em não ter percebido em nenhum filho a vontade de dar continuidade ao legado e a permanência de sua prática, afirmando que seria um enorme prazer ouvir de um de seus filhos que gostaria de aprender tal prática ou que um deles tivesse o mesmo “dom” que Deus a concedeu.

Nota-se que dona Terezinha trás consigo saberes que não se encontram em livros, e que a mesma adquiriu através de sua convivência com seus familiares e moradores locais.

Observando em seus relatos a cultura de um povo e a forte evidência da fé agregada há uma cultura tipicamente oral e condicionada por pessoas que apesar dos desafios que enfrentam na luta diária pela sobrevivência, não se esquecem de “alimentar” a alma na crença em seres superiores.

2.3.3 A CULTURA ORAL PRATICADA POR SEU NASCIMENTO



FOTO 4: Reza de peito aberto/ espinhela caída. (Foto: Benvinda Josmicleime).

Severino de Souza Cavalcante, conhecido na região por Seu Nascimento, habitante da cidade de Aroeiras, residente na zona rural – Chã de Barra, nascido e residente da região tendo como profissão a agricultura, atualmente possui 58 anos de idade. Nosso personagem pratica a reza desde os 20 anos de idade, e confessa que aprendeu através da observação dos praticantes na época de sua infância. Este ainda explicita as reais intenções para a prática oral e o porquê da falta de cobrança de qualquer bem material, para com o consulente:

...As pessoa que reza pelo teu dinheiro, ele não tá te rezando, ele tá procurando o teu dinheiro, proque realmente você vem... Qualquer um sabe que tá doente vem me procurar eu digo fique pensando em Deus que você vai ficar bom ou boa e pense em Deus que você vai ficar, aí você vai leva aquela coragem, aquele pensamento. Aí você querendo me dar uma coisa do seu... Pensamento, não seja nem agora, outra vez, um ano, dez, doze, querendo né? Mas esse negocio, não... Vai cobrar pelo um serviço que fez, ele não tá pensando nada em Deus, ele tá levando aquilo como profissão e reza não é profissão, reza é oração. Por profissão eu posso lhe cobrar sabe o que? Se eu tiver trabalhando em teu roçado que aí você vai ter que me dar além de comida, e... e dinheiro...

Seu Nascimento expõe neste relato de forma crítica a cobrança para a prática da cura. O benzedor defende ferozmente a reza como fonte de auxílio para o fiel cristão, não admitindo a cobrança de dinheiro. O mesmo acredita que através da fé consegue ultrapassar

desafios e vencer obstáculos. De uma sabedoria inegável, acostumado a lidar com a roça, aprendeu a reverter seus problemas e dos seus conterrâneos, através da fé.

Seu Nascimento aprendeu a rezar dor de cabeça, dor de dente, espinhela caída constipação¹³, mau olhado, através do exercício da fé aplicado cotidianamente. O mesmo afirma que usa sempre água como elemento para a prática da cura, e a falta do hábito com vela e imagens montadas em alguma mesa se dão porque todos esses objetos – vela, imagens são obras do ser humano, já a água como ele afirma foi um ser supremo que deixou.

Uma das práticas que Seu Nascimento realiza é a cura de espinhela caída (conhecida popularmente na região como peito aberto), e ao ser indagado como a oração é realizada ele diz, “a espinhela caída, então mede a pessoa com um cordão aí mede a cinta, se tiver espinhela caída você sabe pela distância e se não tiver eu também descubro que você não está com aquilo pode ser outro problema em você”.

Apesar de acreditar na medicina, diz poder curar uma pessoa que torceu o pé, sem a necessidade do mesmo ir a um médico. Salientando que através da fé e usando apenas uma agulha e um pano para costurar este pano ao redor do pé, consegue curar. Quando perguntado como conseguiu realizar este ato responde:

Torceu você procura a pessoa que reza e ele vai em sua casa uma, duas ou três vez, as vez só aquela vez você já tá bom, dependendo de sua fé, sem precisar gastar e ele volta ao normal, que nem um dia fui rezar o menino que torceu o pé então eu pedi um pano...Vai costurar o pano pra que aquele nervo controle e volte pro seu lugar e com três dias já tá bom....Ai eu pergunto a pessoa que vai se rezar, fulano você quer que eu coso ai ele responde carne triada... Ai o resto é comigo ai eu digo nervo rendido, junta disconjutada assim mesmo eu coso com a ordem de Deus e São Bertuoso... Ai deixa a agulha no pano até rezar as três vezes se precisa... Quando terminar você chega a tirar a agulha pá ôta coisa ai deixa os pontos no pano...

Há nesse caso uma busca incessante para o alcance da cura de qualquer problema, sem precisar de gastos, aqui se nota que por ser de origem humilde (em sua maioria), tanto seu Nascimento como a população local, estes irão sempre ir à busca de soluções, sem precisar gastar com bens materiais.

¹³Constipação ou obstipação intestinal é o retardo dos ritmos intestinais e expulsão fecal, requerendo esforço excessivo para evacuar.



FOTO 5: Pano onde seu Nascimento realizou uma costura (Foto: Benvinda Josmicleime)

Seu Nascimento não tem um santo ao qual se dirige para pedir ajuda na hora da reza, pois acredita que há apenas um ser ao qual deve recorrer, antes de qualquer outro, o mesmo foca sempre na sua fé, tendo a convicção que através de seus pensamentos e aquilo que acredita, será realizado seus desejos. Mas que um praticante, seu Nascimento é um propagador da sabedoria popular.

Como se observa, há aqui uma forte influência cultural, relatos de um povo, suas crenças, tradições, hábitos e fatos muitas vezes inexplicáveis aos olhos humanos ou da medicina. Aqui existe saberes que não serão apreendidos nos formais ambientes educacionais, - saberes que devem permanecer como bens históricos à sociedade. Estes domínios fazem parte de uma cultura tradicional, uma história oral que se concentra na fé e que busca constantemente prováveis soluções para as mazelas que afligem o ser humano, trazendo um pouco de sabor a vida tão sofrida.

2.3.4 SEU ZÉ PITANGA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA ORAL



FOTO 6: Rezador seu Zé pitanga e sua prática oral no ato da reza de um fiel. (Foto: Benvinda Josmicleime).

O senhor José Feliciano da Silva, agricultor, 65 anos, conhecido pela população local por Seu Zé Pitanga, nasceu no Sítio Serra do Gado e atualmente morador do sítio Bernardo, zona rural de Aroeiras. E contribuiu ao longo de sua vida em práticas de rezas orais para a comunidade, além de se mostrar ser um praticante fervoroso do catolicismo, sempre viajando em caravanas com seus romeiros para lugares considerados sagrados por praticantes do catolicismo. O mesmo busca soluções viáveis para a cura, quer seja na fé manifestada em templos ou na prática da cura oral.

José Feliciano da Silva é um sujeito conceituado na prática oral por todos que ali o procuram, desde vizinhos a desconhecidos. O mesmo aprendeu este ofício sozinho e afirma que herdou esse dom de sua mãe, salientando também ter passado por algumas provações, ficando três meses acamado antes de começar a praticar esta cultura – doutrina espiritual como afirma ele.

Seu Zé Pitanga faz uso de ervas medicinais e/ou plantas conhecidas pela população local para prática oral como colônia, pinhão roxo, louro, vassourinha, entre outros. Rezando para aliviar dores de cabeças, de dente, espinhela caída, peito aberto, mal vizinho e mal olhado. Nosso personagem afirmou que os que lhe procuram são vizinhos, moradores próximos a região, desde crianças a adultos, que não encontraram melhoras imediatas na medicina, e até mesmo pessoas distantes de outros lugares, como Rio de Janeiro e São Paulo que entram em contato com este através de seus familiares.

Seu Zé Pitanga tem como intercessora Iemanjá, mas afirma que antes de tudo pensa no ser supremo/Deus e inicia suas orações com o pai nosso, e as demais orações que fazem parte da tradição Católica, Ave Maria, Salve Rainha, Creio em Deus Pai. Afirma que o consulente

só recebe a cura se antes de tudo tiver fé e que as posturas que o mesmo deve ter no momento da reza é não cruzar nem um de seus membros.

Através dos relatos seu Zé pitanga se mostrou um homem que tem muita fé, praticante assíduo do catolicismo e dotado de sabedoria popular, no qual busca de forma ampla, respostas para auxiliar seus consulentes para uma vida mais amena.

2.3.5 SEU FERNANDO E SUA SABEDORIA POPULAR



FOTO 7: Benzedor seu Fernandes em seu local de orações. (Foto: Benvinda Josmicleime)

O senhor Emanuel Francisco de Oliveira, 81 anos, agricultor, é conhecido por seu Fernando. Natural de Jundiá - PE e morador atual do sítio de Riacho, Aroeiras, o rezador é um senhor de uma sabedoria imensa a qual não se adquire no ambiente escolar, mas no aperfeiçoamento enquanto ser humano mostrou-se de uma forma receptiva ao ser entrevistado.

Seu Fernando, afirma que começou o ofício da prática oral aos doze anos, porém diferentemente de alguns outros entrevistados este segue uma linha voltada para a doutrina espírita. Ele afirma que quando adolescente se manifestava caindo em qualquer lugar e que quando praticava a reza não estava mais em seu corpo, afirmando que são seus “amigos” guias de luz, que realizam todo o trabalho/oração, já que ele não se lembra de nada que faz durante a benção e a conversa com o consulente. O mesmo diz que aprendeu com uma amiga/Maria Afota e que esta já não se encontra neste mundo. “Sofri... é... é... dizem né que

na época eu tava com doze anos que eu não lembro não, que quando chegam podem me jogar no rio que eu não me lembra não... posso nem explicar essas coisas que eu não me lembra”.

Assim sendo ele ou os irmãos espirituais como afirma, passam banhos com ervas e outras prováveis recomendações de acordo com o problema do fiel. Quando inicia prática da reza ele começa com a oração: pai nosso, com a diferença de que em sequência já não estar mais consciente, por isso não se lembra de nada, sendo os seres espirituais que realizam a prática oral. O mesmo é devoto de Iemanjá, no qual afirma que para o catolicismo é conhecida por Nossa Senhora da Conceição. Seu Fernando afirma também que não tem nenhuma restrição e que a postura que o consulente deve ter é apenas não usar preto porque aqueles que o acompanham/irmãos espirituais não aceitam. Apesar do mesmo se dizer católico é possível se perceber em seu relato uma grande semelhança com a religião espírita.

Este diz que seus irmãos espirituais é que agem durante toda reza. Ele só empresta seu corpo para que os amigos espirituais ajudem aos que o procuram, se mostrando inconsciente durante todo o tempo da reza, como afirma.

2.3.6 DONA BIATA E SUA ATUAÇÃO COMO REZADEIRA



FOTO 8: Dona Biata realizando uma benzeção em um animal.
(Foto: Cedida por Janaina Gonçalves da Paz).

A senhora Beatriz Gonçalves, conhecida na comunidade por Dona Biata, tem 77 anos e é agricultora, nascida na região de Zabelê-Macaparana- PE, atualmente é moradora do Sítio Bernardo, zona rural de Aroeiras, inicia a entrevista já ressaltando que nunca teve a pretensão da prática da reza, “eu num quii trabalha não”. No entanto, tomou o caminho da benzeção por não encontrar outro meio para conseguir uma melhora na saúde e à sua integridade física e psicológica.

Assim por... Porque tive problema ai comecei a rezar milhorei né. Começou um espiroto me... Me tanazano eu caino, quebrano braço quebrano perna que nem vocês sabe, to toda quebrada, tenho oito quebradura né, e num foi dom de nada foi dom que eu tinha que trabalha né e eu num queria. Ai eu procurei um home que trabalhava com o ispiritual, ele disse é porque você troxe minha filha o dom de trabalhar, ou você trabalha ou eles lhe mata... Chega me arripei ô.

Dona Biata ressalta ao longo de toda sua entrevista sobre o seu distanciamento com o trabalho com espíritos, afirmando não ter aberto mesa para se tornar rezadeira, trabalha apenas com o ato de rezar pessoas e animais se preciso for. Se sente feliz que de certa forma possa ajudar a comunidade, apesar de não lhe ser uma prática costumeira. Sua postura diante dos mecanismos de orações e sua forma de conduzir esse dom que segundo a mesma acredita que foi dado por Deus, se mostram extremamente arraigada às doutrinas e aos preceitos do catolicismo. Apesar de ser praticante de um ato que para a igreja católica, no período medieval era vista como uma atitude pagã e herege, Dona Biata a todo o momento se diz ser muito católica, apesar de não frequentar assiduamente a igreja, acreditando em milagre e na providência divina.

Ao ser indagada acerca de preconceitos já sofridos por ser rezadeira Dona Biata se sentiu inibida falando apenas que já havia sofrido sim, mas não gostaria de relatar tais fatos, mostrando certo desconforto ao ser lembrada de tais episódios. Atitude que salientou certa tristeza ao relembrar tal fato.

De toda forma, a presença e contribuição de Dona Biata na comunidade do Bernardo tem sido de fundamental relevância, sempre atendendo e ajudando como possível os fiéis que lhe procuram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar neste trabalho, a religião faz parte da cultura de um povo, a crença na existência de seres protetores acompanha a humanidade ao longo do tempo, está além de status social, pois sempre buscamos respostas para aquilo que não conseguimos solucionar. Junto com este fator, temos a história de um povo, que abarca seus hábitos e costumes, mas que não se desvinculam das crenças religiosas.

Após a elaboração de tal pesquisa que se utilizou da História Oral como metodologia para a realização das entrevistas com rezadores e benzedores da zona rural de Aroeiras e chegou-se a compreensão de que os cidadãos entrevistados trazem valores e crenças existentes há muitas décadas, devido aos valores passados de pais para filho, de avós para netos etc. Tradições que se perpetuaram ao longo do tempo.

Estes encontram “soluções” para as mazelas que afligem o cotidiano, em uma sabedoria que não está interligada a uma cultura de livros e estudos, mas que tem como precípuo a memória de seus descendentes, junto com a prática de uma esperança inexplicável, usando de elementos singelos para a prática das rezas. Mas que perpassam os tempos, desde os mais remotos, e que já fazem parte de um legado cultural.

O tempo de convivência nos fez perceber os quão estes rezadores podem contribuir para sua localidade, são pessoas que têm uma importância sem igual, para os consulentes que o procuram, assim como para os estudos desse campo da história/ oral. Aqui não pretendemos discutir crenças, nem inculcar valores, apenas buscamos através das pesquisas de campo, compreender esse universo intrigante que abarca a memória de um povo, e que tem atravessado gerações.

Essas permanências culturais tendem a ir se perpetuando, em vivências que tendem a se modificar, crescer ou extrair, de acordo com os seus ideais propostos, uma cultura que está pouco a pouco sendo esquecida. Já não encontramos de forma tão assídua estas práticas orais, e corremos o risco, de junto com ela, apagamos a memória de um povo. Portanto, a nossa contribuição pretende promover novos estudos em torno da questão, fazendo com que as contribuições e memória de nossos antepassados permaneçam vivas na história cultural de um povo.

Para tanto, se fez necessário um recorte em nosso campo de estudo, focamos, pois, em uma região do agreste paraibano – Aroeiras, localidade que ainda tem resquícios destas práticas orais. Os rezadores por sua vez, são pessoas que não tiveram acesso à escola, porém o

pouco que sabem, é de uma sabedoria imensa, que trazem como herança de seus antepassados.

A questão que aqui propusemos foi levantar questionamentos em torno das práticas orais, e a sua relevância para a história oral, bem como, “abrir novos caminhos” em torno da questão, mas esperamos ter contribuído de forma assídua para a preservação da memória do município de Aroeiras, memória esta que trás em seus caracteres a história de um povo.

Desta forma, acreditamos que o nosso trabalho de conclusão de curso será uma colaboração significativa para história e a memória destas práticas religiosas, bem como compreendemos que nosso estudo dará uma colaboração para as pesquisas relacionadas ao universo rural da cidade de Aroeiras, localidade ainda carente de trabalhos relacionados à sua historicidade.

FONTES

FONTES ORAIS:

CAETANO, Josefa Gonçalves da silva. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da silva.** 10 de Julho de 2014.

FARIAS, Terezinha Gomes de. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva.** 13 de Julho de 2014.

CAVALCANTE, Severino de Souza. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva.** 26 de Julho de 2014.

SILVA, José Feliciano da. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva.** 23 de Agosto de 2014.

OLIVEIRA, Emanuel Francisco de. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva.** 21 de Setembro de 2014.

SOUZA, Beatriz de. **Entrevista concedida a Benvinda Josmicleime Gonçalves da Silva.** 25 de Outubro de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Pedro Paulo de. **Aroeiras, sua história**, 1981.
- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008 (p.155- 189).
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2010 (p.45-73).
- ARAÚJO, Pedrina Nunes; PINHEIRO, Áurea. **Senhoras da fé Identidade e patrimônio: uma análise historiográfica dos rituais de reza e cura das rezadeiras em Teresina (1960-2008)**. Fortaleza: Anpuh – XXV simpósio nacional de história, 2009.
- AROEIRAS, Dudé das. **Pedras de riachos**. João Pessoa: Ideia, 2003.
- BARROS, José D' Assunção. **O Campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- _____. **História cultural: um panorama teórico e historiográfico**. Vol. 11. Sombra (USS): Vassouras, 2003.
- _____. **A história cultural francesa – caminhos de investigação**. Vol.2. Sombras (USS): Fênix, 2005.
- _____. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Vol.9. Diálogos, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **Ser rezadeira: Saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo**. Gov. Mangabeira – Recôncavo sul da Bahia (1950-1970). Recife: UEPE, 2010.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadores). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- HONOR, André Cabral. **Em busca da nova história cultural de Burke**. Vol. 2. UEPB: Veredas da História, 2009.

JOUTARD, Phillippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadores). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MEIHY, José Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Danielle Gomes; AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses**. Vol. 9. Porto Alegre: Dossiê: Voz e Intelectualidade, 2013.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM

PESAVENTO, Sandra jatáhy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PRIORI, Mary Del. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: _____. **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010 (P. 78-113).

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru SP: EDUSC, 1999.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Vol.7. Fênix, 2010.

2. SITES:

IBGE. Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php> acesso em 29 de maio junho de 2014.

História do município de Aroeiras. Disponível em:

<http://areoirasmix.blogspot.com.br/p/blog-page.html> acesso em 14 de Julho de 2014.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aroeiras> acesso em 25 de Outubro de 2014.

Disponível em: <http://aroeiras.pb.gov.br/> acesso em 16 de novembro de 2014.